

## O bárbaro

### Transtornos de linguagem e segregação<sup>1</sup>

*Miquel Bassols*

"Olhando o filho que mama - a mãe que suspira, o pai enruga a testa [...] a criança que deixa satisfeita o peito vazio olha para ele, olha para ela e ri barbaramente".  
Joan Maragall, *Paternal*.

Não há, de fato, segregação mais radical do que a que se funda na negação da fala do sujeito. Quando se nega a alguém o direito à fala, lhe é negado o mais fundamental, o reconhecimento simbólico de seu ser em relação aos outros. O sujeito que não pode ter acesso ao vínculo simbólico da fala, seja pela palavra dita, pela escrita ou significada por outros meios, é então um sujeito excluído do vínculo social. Por isso a relação entre os transtornos de linguagem e os fenômenos de segregação nos parece evidente.

Porém essa evidência, não estará escondendo uma relação mais estreita, mais estrutural, entre linguagem e segregação? O problema é que às vezes é o próprio sujeito aquele que se encontra negando sua própria fala, como se a liberdade de enunciá-la fosse o que se torna mais difícil de suportar. É o que constata o psicanalista a cada passo em sua prática, uma prática que se funda, exatamente, em deixar a maior liberdade ao sujeito para dar rédea solta às suas palavras, até chegar a mais íntima.

Qual sentido dar, então, a esses termos (transtornos de linguagem e segregação) na psicanálise de Orientação Lacanianana? Primeiro devemos distinguir os transtornos de linguagem dos transtornos da palavra, e estes dos transtornos de fala. Da mesma maneira devemos distinguir

uma segregação estrutural, inerente ao fato da linguagem, de uma segregação social no vínculo do sujeito com os outros.

### **Linguagem e fala**

Desde o famoso texto de 1953 de Jacques Lacan, "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise"<sup>2</sup>, a distinção entre fala e linguagem se torna indispensável para abordar a relação do sujeito com o universo simbólico no qual vive e no qual têm lugar suas significações.

Chamamos "campo da linguagem" à estrutura simbólica de significantes que constituem esse universo em uma sincronia que antecede como tal ao próprio sujeito. Por outra parte, a "função da fala" supõe a relação desse sujeito com a palavra efetivamente dita, ou com o silêncio, na diacronia da cadeia significante. Função e campo não se confundem, por outra parte, com o suporte orgânico da fala, do aparato fonador ou das funções neurológicas nela implicadas.

Quando falamos de "transtornos de linguagem", especialmente na clínica da psicose, nos referimos aos dois primeiros registros e à sua articulação: entre o campo simbólico de significantes e a função diacrônica da fala dita.

A primeira hipótese de Jacques Lacan, nos anos cinquenta, é a da primazia ou determinação da estrutura simbólica sobre a função da fala e sobre a realidade das significações do sujeito. É a hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Assinalamos um fato especialmente interessante: mesmo quando se trata de transtornos orgânicos das funções implicadas na fala, por exemplo, em uma afasia, as disfunções seguem leis simbólicas estruturais da linguagem, por exemplo, a prevalência da metonímia sobre a metáfora. Esse fato nos indica a importância de estudar os

transtornos da linguagem como transtornos da estrutura simbólica, mesmo quando há um dano real orgânico.

Por outra parte, no caso das psicoses, já é conhecida a hipótese de Jacques Lacan da foraclusão de um significante fundamental, o significante do Nome-do-Pai, na estrutura simbólica. Os efeitos da não inscrição desse significante motivarão um estudo preciso dos transtornos de linguagem na psicose, transtornos que foram distribuídos entre "fenômenos de código", por um lado (por exemplo, a criação e uso de neologismos) e "fenômenos de mensagem", por outro (por exemplo, as frases interrompidas).

### **Há modos diversos de segregação**

Há, de fato, transtornos de linguagem que afetam o vínculo social em seu fundamento, como acontece, por exemplo, com o fenômeno do mutismo, fenômeno que toca a própria estrutura da relação do sujeito com o outro. Porém, trata-se de mutismos muito distintos se considerarmos, por exemplo, o caso do mutismo do surdo-mudo, o caso do mutismo histérico ou o caso do mutismo autista. E cada um supõe segregações muito diferentes. O surdo-mudo pode, por exemplo, estabelecer um vínculo social com seu "mutismo", pode fazer-se representar em um mundo de linguagem com seu sistema de signos. O mutismo histérico pode ser, por outro lado, um mutismo muito eloquente a partir do momento em que o próprio mutismo se converte em signo, se faz sintoma com o qual o sujeito se representa diante dos outros. De outra forma, se escutamos o mutismo psicótico, nos damos conta de que se trata de um silêncio diferente, não é o silêncio tácito do sujeito histérico, mas esse silêncio radical da pulsão de morte, o silêncio da falta absoluta de um significante que suporia uma significação desse silêncio. Correlativamente a esse silêncio, aparece a palavra alucinada desde o real como um ruído incessante que ensurdece o sujeito. Algumas vezes vemos esse fenômeno na

criança autista que tapa os ouvidos, não para não escutar o outro da realidade, esse outro que, na maior parte das vezes, não tem, precisamente, nenhuma realidade para ela, mas para tentar calar as vozes interiores. Seguramente, nos encontramos aqui com a segregação mais radical, a exclusão de uma fala que daria ao sujeito um lugar no mundo.

Devemos distinguir então dois registros no fenômeno da segregação.

Há, em primeiro lugar, uma segregação estrutural, inerente à linguagem como operação simbólica que exclui necessariamente algo em seu exterior para constituir um interior limitado. Nenhuma ordenação simbólica se dá sem deixar algo fora dela, ainda que esse algo seja depois simbolizado no interior, precisamente como ausente. É o princípio freudiano da constituição do sujeito a partir de uma exclusão primária, do rechaço originário de um objeto ou de um gozo. Na falta dessa exclusão originária é o sujeito mesmo que será segregado como um objeto desse gozo, fenômeno que encontramos em certas psicoses. Ocorre aqui uma operação fundamental para estudar qualquer fenômeno segregativo, uma operação que só Lacan chegou a definir como estrutural: aquilo que fica fora da simbolização, da inscrição no simbólico, retorna a partir do real. Vale dizer, o que é segregado do simbólico, retorna desde o real. Esse seria um bom princípio de trabalho para estudar os transtornos de linguagem como uma segregação estrutural do gozo.

O problema é como responde cada sujeito a essa segregação estrutural, inerente ao simbólico. Em geral, o que encontramos é a segregação social como fenômeno de resposta à segregação estrutural. Os fenômenos do racismo seriam, por exemplo, uma resposta limite à segregação social de um gozo diferente do representado por um universo simbólico do sujeito.

Devemos situar então, em segundo lugar, a segregação como discurso do vínculo social. Trata-se aqui de identificar o outro, a Outra raça, porém também o Outro de cada sujeito, do psicótico, do louco, também da criança, com o gozo segregado estruturalmente. É o estrangeiro, o bárbaro, que encarna, para cada um, um gozo estranho, segregado, alheio.

Digamos logo que a criança com frequência encarna de maneira especial esse lugar, muito mais do que podemos supor e que Freud mostrou em diversas ocasiões. O fragmento de Joan Maragall, que citamos como exórdio desse artigo, diz isso de maneira maravilhosa, em uma cena na qual, por outro lado, supomos a maior placidez do amor materno e paterno. A criança vem encarnar esse lugar do bárbaro para o adulto, e também para o próprio sujeito.

Isso quer dizer que essa dimensão do "bárbaro" do gozo da criança, da criança que o sujeito continua sendo de algum modo, é o segregado por cada um? A hipótese freudiana da repressão da sexualidade infantil segue, me parece, essa lógica. Por outra parte, é esta condição do infantil a que permitiu vários equívocos nos quais se fundamenta certa concepção evolutiva da infância, concepção que teve também alguns representantes na psicanálise quando estes se distanciaram de uma leitura atenta de Freud.

Na realidade, o "bárbaro" indicado pelo texto de Maragall é um gozo que está muito bem situado na triangulação edípica, é um quarto elemento que dá a esse triângulo e a esse gozo sua vertente mais humana. Esse quarto elemento, para a psicanálise, é o falo como símbolo de uma ausência e sua falta produz toda uma série de transtornos na criança que são, sempre, transtornos de linguagem.

## "Mamãe-trem"

Darei uma breve referência clínica que nos apresenta esses transtornos do lado mais incompreensível, do lado bárbaro em seu sentido etimológico, quer dizer, o bárbaro como a fala mais estranha, mais distante do sentido comum.

Trata-se de um menino autista de sete anos, que atendi durante um par de anos em uma instituição, em um momento em que eu mesmo me introduzia na prática psicanalítica. Esse menino quase não falava, às vezes reproduzia uma série de frases em ecolalias esporádicas. Por outro lado, era evidente que não reconhecia o outro nem sua própria imagem no espelho. Referia-se a si mesmo sempre na terceira pessoa. Não havia, pois, um "eu" constituído ao modo como a linguística estrutural definiu como um *shifter* e que articula a fala com a situação enunciativa. Apresentava, além disso, uma curiosa "autolesão", para chamá-la assim, muito inquietante, ainda que não parecesse grave: duas crostas situadas nas bochechas, surpreendentemente simétricas e permanentes. Eram duas crostas que ele mesmo produzia nele e mantinha de maneira que permaneciam idênticas a si mesmas, sempre no mesmo lugar, de modo que encarnavam isso que nós, psicanalistas, designamos às vezes como "o real", sempre inquietante.

Somente uma palavra parecia dirigir algumas vezes ao outro, com uma inflexão diferente, não tão ecológica. Era uma só palavra, ainda que condensasse dois elementos, dois objetos importantes em sua vida, e que ele dizia com um guinchar realmente desagradável, desproporcional: "mamãe-trem!". Era um grito isolado, mais um uivo, incompreensível, porém era a única coisa que se tinha como ponto de partida no registro da fala. Eu sabia que a mãe o levava ao centro, todos os dias, de trem desde um povoado diferente, porém as hipóteses que podia formular sobre este fato, para entender melhor do quê se tratava em seu grito, não me adiantariam de nada. O importante era, sem dúvida,

que essa fala parecia se dirigir a mim em certos momentos precisos, e esse fato era mais importante do que aquilo que supostamente poderia significar essa palavra-grito.

Havia algo mais: imediatamente depois de me lançar esse grito, aproximava seu rosto tentando juntar suas bochechas às minhas. Não era um gesto carinhoso, mas sim automático e, na realidade, impossível, porque o próprio nariz impedia esse contato. Essa sequência começou a se repetir em cada um dos nossos encontros de maneira insistente. A introdução, da minha parte, de algumas palavras chave, não parecia ter maiores efeitos. Era impossível juntar este "mamãe-trem" a outro termo, algo diferente; era impossível também brincar de esconder alguma coisa ou esconder-se, já que não existia o símbolo da ausência. Esses fenômenos impunham a hipótese da falta de um significante fundamental, o significante de uma ausência, operação que a psicanálise de Jacques Lacan situou como uma metáfora, a metáfora paterna. Um dia (e não sei por que esse dia e não qualquer outro), depois dessa espécie de cerimonial do "mamãe-trem", aconteceu algo fundamental. Em lugar de tentar juntar-se a meu corpo, ele saiu da sala e, lá de fora, me chamou e disse seu próprio nome, guinchando, com seu grito particular. Depois, abriu a porta e, pela primeira vez, apareceu com um sorriso que só pude definir agora como extremamente humano. Eu lhe respondi com um "Olá!" surpreendido, chamando-o também por seu nome. Talvez fosse a primeira vez que ele "entrava" para encontrar-me como outro, como outro da fala e da linguagem.

E mais ainda: apareceu um novo termo, um novo significante, vinculado às marcas de seu corpo. Colocando seus dedos indicadores nas crostas, articulou pouco depois a seguinte expressão: "o trem das vias".

## As vias da fala

Algumas coisas mudaram a partir daí, depois dessa entrada dele e do outro na fala. Cederam os períodos de intenso mutismo, também as crostas, começou a funcionar algo do princípio do símbolo que vivifica o sujeito.

De fato, "o trem das vias" não é o mesmo que o "mamãe-trem", é um trem com sobrenome, por assim dizer, é uma mínima construção sintática que vem a se situar no lugar de uma metáfora impossível. Essas vias eram também os dois sinais inscritos no real do seu corpo que agora podiam se inscrever em outro lugar, na fala, como um terceiro elemento entre a mãe e o trem.

É uma operação muito simples e muito complexa ao mesmo tempo. Aquilo que não havia sido simbolizado e retornava de maneira insistente no real do corpo, tomava agora outra "via" em função da fala como um terceiro elemento, novo na série. É um significante que separa, em vez de segregar.

Essa diferença me parece crucial para concluir: separar não é o mesmo que segregar. Inclusive, às vezes, essas duas operações se opõem: é por não poder se separar, no sentido da operação simbólica que vemos, nesse caso, que o sujeito se encontra segregado da pior maneira. Por sua vez, é por essa separação que pode começar a se produzir a aceitação dessa outra segregação estrutural implicada pela linguagem e que pode começar a se produzir uma subjetivação do gozo bárbaro que implica ser um ser de linguagem.

*Tradução: Ondina Machado*

---

<sup>1</sup> BASSOLS, M. (2017). "Prólogo - Lo bárbaro (transtornos de linguagem e segregação)". In: DELGADO, O.; FRIDMAN, P. *Indagaciones psicoanalíticas sobre La segregación*. Olivos: Grama Ediciones, p. 7-14.

<sup>2</sup> LACAN, J. (1998/1953). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.